



Moacyr Góes e sua companhia na entrada do Espaço 3: novos atores e novos projetos no galpão em que o diretor se lançou

Melhores anos

Desde março deste ano, Moacyr Góes vem trabalhando com sua companhia numa sala de ensaio que ficam no subsolo do Teatro Villa-Lobos. Apesar dos quatro meses de vizinhança, ele só por duas vezes subiu os degraus que dão para a Avenida Princesa Isabel, voltou ao teatro pela estrada do estacionamento e caminhou até o Espaço 3, o galpão nos fundos do terreno de Copacabana onde, de 1988 a 1993, ele construiu seu nome como um importante encenador nacional.

Desapego ao passado, medo de revivê-lo na forma de decepção, vários podem ter sido os motivos. A terceira vez, ao lado do repórter do *Jornal do Brasil*, foi nesta semana, a primeira dele como diretor artístico do Villa-Lobos e novamente como ocupante do Espaço 3. O sempre equilibrado Moacyr não se desequilibrou, mas ressumo a importância na sua trajetória daquele grande container perto empoeirado: "Aqui eu passei os melhores anos da minha vida".

Diretor/autor - A vida de Moacyr tem 41 anos, 16 deles como diretor de teatro, fazendo de duas a três peças por temporada. Desta produção tão numerosa a melhor parte, ou a mais original, é aquela mesma que vai de *Basil* (1988) a *Epifânias* (1993), passando por *Escola de bufões* (1990). Ele lembra que só trabalhou duas vezes como diretor convidado - *Gata em teto de zinco quente*, produção de Vera Fischer, e *Alarcos*, produção do Teatro do Leblon - que sempre escolheu os próprios projetos, que nos períodos como diretor dos teatros Glória e Carlos Gomes nunca priorizou o comercial em detrimento do estético, mas sabe que a hora em que volta ao Espaço 3 tem semelhanças com a primeira passagem pelo galpão.

"Não olho para trás como se precisasse recuperar um tempo perdido, mas estou num momento muito interessante: senti novamente uma vontade grande de ter um tempo maior de experimentação, criei uma nova companhia, cultivei de eu ter tido coragem de escrever uma peça, e agora a volta ao Espaço 3", enumera o diretor transformado também em autor.

Ao lado do psicólogo Andréio Gomes, Moacyr está escrevendo seu primeiro texto, uma peça baseada no mito de Píndaro. "Não há qualquer intenção moralista no texto. Queremos falar que o homem cresce não quando obedece e se ajusta, mas ao contrário", explica. A montagem marcará a estreia da nova companhia do diretor (já com 1000), com o irmão Leon Góes, André Váli, Natália Lage e mais 11 atores. Com eles quer fazer em 2002 *Dom Quixote*. Desde que saiu do Espaço 3, Moacyr não tinha uma companhia. Mais uma coincidência.

Ceticismo - Na época do primeiro grupo, ganhou fama de diretor excessivamente rigoroso com os atores. "Pela feli-

cidade do meu filho: eu nunca destruí um ator". Mas a diferença que ele vê da antiga companhia para a nova nada tem a ver com isso. "Hoje tenho sonhos, mas não tenho mais ilusões", joga com a semântica. "Não acredito mais que possa mudar o mundo, mudar o teatro, viver de teatro, ganhar dinheiro com isso. Estou mais cético, mas isto dá mais clareza para os meus sonhos: quero fazer um teatro com consistência, com profundidade, e isto não pode ser com dois ou três meses de ensaio".

Moacyr vai levar sete meses para concluir o seu *Píndaro*. Estreia em outubro no Espaço 3, que no dia-a-dia dividirá com a companhia de Ana Kfour. No mesmo Espaço 2 (50 lugares) ele quer abrigar projetos do diretor Gilberto Gazonowski, do grupo A Pádua e uma peça de Harold Pinter dirigida por Italo Ross. Na sala grande do Villa-Lobos receberá a peça *Casamentos...*, com Sylvia Bandeira, e balé de companhias de dança que há anos ensaiam no subsolo do teatro.

Tudo isso feito paralelamente a uma reforma altamente necessária. Moacyr não esconde a frustração de ver o estado do Espaço 3, com o forro do teto caindo e outros problemas. Vai reformá-lo como fez em 1988, quando ninguém imaginava usar o galpão comercialmente e ele sonhava com um palco alternativo para *Basil*. Depois que o lugar se tornou referência, chegou gente querendo que ele saísse e desse vez a outros. "Quando só tinha banca aqui, não aparecia ninguém. Existe uma cultura da inveja no teatro contra as pessoas que fazem as coisas", queixa-se, antes de sacudir literalmente a poeira e encarar o retorno ao Espaço 3 como uma volta por cima: "Bastar aqui é viver um sonho. Mas um sonho de uma pessoa mais velha, num tempo de alguma maturidade e sem ilusão." (L.F.V.)



Leon em *Escola de bufões*.

Caderno B, pág. 04 e 05
Jornal do Brasil
13/07/01 - R.J.